

O PROCESSO

Santiago Perlingeiro

Esta poderia ser a história de Rafael Braga Vieira, o morador de rua preso arbitrariamente durante manifestação, em junho de 2013 – seu crime teria sido portar dois frascos de detergente, que usava para lavar carros no sinal. Mas não. A história em questão é a de Joseph K., personagem do livro *O Processo*, de Franz Kafka.

O romance dos anos 1920 muito tem de atual (Rafael que o diga). Conta a história de Joseph K., bancário, que certo dia pela manhã recebe de um oficial de justiça a notícia de que estaria respondendo a um processo. Indagado a respeito, o oficial afirma não ter maiores informações – “mas alguma coisa o senhor deve ter feito...” – e reitera que Joseph deveria comparecer ao tribunal no dia e na hora determinados. Atônito, e, sobretudo incrédulo com a notícia, tem início a vã tentativa de Joseph K. de descobrir por que está sendo processado.

A história de K. foi adaptada para o teatro pela companhia Teatro Voador Não Identificado, na peça ‘O processo’, que encerrou temporada nesta 4a feira (11/02) no Teatro Ipanema. O grupo formado em 2011 por alunos da UNIRIO (na bagagem a pesquisa acerca do limite entre ficção e realidade) encarou o desafio de adaptar o texto de Kafka. Um desafio instigante, mas ainda assim um desafio. A obra do autor tcheco é envolta por um clima em que realismo e paradoxo constantemente se confundem, e, de uma situação banal e burocrática (como ser processado) aflora o sentimento do “absurdo da existência humana”.

Como transpor esse sentimento de incompreensão, que modula toda a narrativa, para o teatro? O diretor, em entrevista, comenta:

“Eu sempre quis montar este texto. (...) Chegamos à conclusão de que, tanto pelas características do grupo quanto pelo momento histórico em que vivíamos (as manifestações de junho), não faria sentido montar de forma tradicional. Deveria haver algo que explicitasse essas questões que o Kafka levanta. Eu queria que o ator não soubesse de nada, pensei em algo meio Big Brother ou um pouco parecido com o filme “A falta que nos move” da Jatahy, mas essas coisas não bastavam. Foi quando o Luiz sugeriu que o ator não ensaiasse, não conhecesse a peça e entrasse em cena mesmo assim. Daí a necessidade de convidar um ator diferente por dia”.

Convidados foram recrutados às mais variadas frentes da interpretação, como Gregório Duvivier, Fábio Porchat, Mateus Solano, George Sauma, João Velho, etc (15 só na 1a temporada).

A proposta é ousada e atual. Atual pela culminância de uma evolução que atravessa toda a história da arte moderna,

onde presenciamos a transição de um ideal da obra acabada para o da obra em progresso. O paradigma deixa de ser a contemplação, passiva por princípio, e passa a ser o próprio processo criativo, exigindo cada vez mais a interferência/participação do espectador na construção do sentido (daí a feliz ambigüidade do nome da peça). É também ousada porque, ao deslocar a proposta do produto final para o seu método, a pergunta clássica – você gostou? – deixa de fazer sentido. Não se trata mais de gostar ou não, mas intuir, analisar, apreender e se apropriar.

Dito isto, depois de três vezes assistir ao espetáculo, me parece que a singularidade de cada apresentação se evidencia e ganha valor a cada nova audiência. Pode acontecer, como já vi, de o convidado, devido ao estranhamento que lhe provoca tudo aquilo, ficar pasmado e responder muito pouco aos estímulos que o elenco lhe oferece, o que torna o espetáculo mais arrastado, e menos atrativo enquanto entretenimento.

Independentemente da reação do convidado, porém, a graça está em que cada gesto mínimo, cada detalhe, a personalidade de cada um influencia absolutamente no resultado. É como se não fosse uma, mas várias peças que compartilham apenas o método, o processo.

Rafael Braga Vieira permanece preso, e, além disso, perdeu o direito ao regime semiaberto por ter postado nas redes sociais uma foto ao lado de um muro com a frase crítica ao estado: "Você só olha da esquerda p/ a direita, o Estado te esmaga de cima para baixo". Essa, nem Kafka.

Artigo originalmente publicado em 2015 na Revista N00 (<http://noo.com.br/o-processo/>).

